



De Caminhos e Sonhos

Aldeir Ferraz

APENAS UM CAMINHANTE

A cada tempo que se vai, como em uma foto antiga vamos desaparecendo aos poucos.

As pegadas deixadas no caminho desaparecem e o que segue junto a nós é apenas a sombra, mas ela também se vai junto com a luz ao final do dia.

Tudo que fomos, tudo que fizemos um dia se perde, apenas fica um pouco no coração dos que te deram valor.

Pessoas se vão, alguns amigos, outros não, sempre no caminho ficam e já não oferecem seus passos juntos aos nossos.

A minha vida é assim, sou apenas um caminhante que faz o caminho ao caminhar.

A GRANDE ÁRVORE

Era uma noite diferente das outras, nem frio, nem calor.

No céu escuro, as estrelas e a Lua iluminavam as ruas perto de casa.

Um silêncio estranho contrastava com o vai e vêm das pessoas na rua.

Estávamos ali em orações e também havia uma vela acesa.

Dentro do quarto, deitada na cama, ali estava ela já se preparando para a sua viagem final.

Tudo naquele momento ficou vazio, mas logo a seguir as lembranças passaram a surgir.

Em um último olhar para todos nós, se despediu e seu espírito voou ao encontro do universo

Uma leve brisa apagou as chamas da vela.

Os passos apressados dela, na lida do dia a dia, os seus preparos dos alimentos, as suas rezas, as suas histórias a beira do fogão de lenha...

Passado muito tempo da sua partida para junto do Grande Espírito, ainda fica comigo a imagem do seu olhar.

Seus olhos firmes, seu semblante sereno nos trazia um conforto e uma segurança muito grande. Sua história de vida admirável deixou marcas na sua maneira de ser.

Ela se tornou forte, não apenas por ter nascido forte, mas por ter vivido como uma grande fortaleza que enfrentou as intemperes do tempo.

Cada um de nós, que pertencemos a sua descendência, traz um pouco daquela energia.

Cabe-nos nunca abrir mão disso.

Somos bem aventureiros por sermos frutos desta grande mulher que era como uma árvore de troncos fortes e uma imensa copa que sempre nos protegeu durante a sua vida.

Esta é minha Vó Jovelina, uma luz que hoje brilha no infinito deste imenso universo que também um dia iremos seguir.

A SOMBRA DE UM CAVALEIRO

— Então você é sobrinho do Avelino Inácio?

— Sim! Meu tio e padrinho!

Até hoje ainda encontro com pessoas neste cantão da Zona da Mata Mineira, por estas serras que rodeiam visconde do Rio Branco, alguém que conhece este homem, alguém que sabe das suas histórias.

Ser sobrinho e afilhado dele sempre me fazia ouvir e ainda ouço:

—“Então cê é gente boa uai!” Talvez por seus negócios, por sua lida de homem do campo, da compra e venda de gado.

Mas não é apenas isso que faz alguém ganhar o respeito no meio do povo, existe o jeito de ser. Dele trago sempre a imagem do cavaleiro, montado em seu cavalo sob Sol escaldante, fazendo sombra na estrada, chegando de longe, empoeirado, mas bem alinhado desde a bota ao chapéu.

Gostava muito de passar as férias por lá. Na casa dele tinha uma televisão a bateria, engenho de rapadura, chiqueiro de porco, córrego pra pescar.

Só tinha um problema que era a cachorrada brava... Ah! Tinha muito serviço também, ali a turma ralava, sobrava até pra mim, ajudava a debulhar milho e até candear boi.

Nesta segunda tarefa já cheguei quase tombar uma carroça com boi e tudo numa pirambeira, menino de rua dando uma de candeeiro é engraçado.

Sua história se mistura com sua mãe Jovelina, que viúva contou com sua lida para cuidar da subsistência das coisas que tinham. Não posso esquecer do prazer que tinha de tomar uma cachaça e isso aí ninguém é de ferro, mas não bambeava com as goladas de jeito maneira.

O povo da Folia de Reis fazia questão de madrugar na sua casa, pois a família era grande e todos acordavam pra receber a cantoria e a reza. Enfim, com seu cavalo já não anda mais por estas bandas, mas com certeza cavalga entre as estrelas junto aos que deixaram aqui na Terra seus bons exemplos de coragem e dedicação aos seus.

TERÇO DOS BÃO

Era só os dois chegarem e estava garantido que o terço seria caprichado.

Zé Ferraz e o Tião do Cadico, como eram conhecidos, tinham o dom da celebração.

As casas por onde passavam enchiam de gente em busca de uma boa oração.

Rezas e cantos religiosos eram com eles.

Suas vozes, formavam um coro que dava pra ouvir de longe. Interessante que sem nenhum estudo de canto, não desafinavam. 'A nós descei divina luz, a nós descei divina luz, em nossas almas acendei o amor, o amor de Jesus...." refrão de uma canção que adoravam cantar.

Agora tinha um probleminha na reza que os dois puxavam.

Os terços deles tinham mais contos do que dos outros, pois as ave marias e os pai nossos eram intermináveis.

Ainda bem que sempre tinha alguém que dava um jeito de parar os dois, se não virava a noite.

Esta dupla está no Céu, certamente junto com os anjos em cantorias e orações.

Tião do Cadico e Zé Ferraz, homens de fé que ajudaram a paz acontecer entre nós.

Salve, Salve!

AMARGO

Flor porque vives assim? A tristeza lhe domina por não entenderes que é tão bela; Das abelhas aos pássaros que a ti vem , Rejeitas os olhares e os beijos, Expondo os espinhos afasta aos que te querem bem; Traga para o mundo o que de bom é seu Suas cores, seu cheiro, sua beleza; Nunca permita que eterna seja suas dores Transforme todo este amargo e transforme -se desta peleja Viva sempre, curta sempre seus cativos amores

Velha Bengala

E o ponteiro do relógio gira, meu tempo avança.
Já não posso mais dizer que o tempo corre, aliás, já não corro mais, já não ando mais.

Preso a uma cadeira de rodas e com o corpo quase todo paralisado, resta-me memórias e a compaixão dos meus.

Memórias de caminhos agitados e tantos afazeres, era tanta correria que não dava conta.

Viver era o que mais sabia fazer.

Hoje meus passos esqueceram de mim e cá estou, tudo que é perto é distante agora.

Outro dia, na sala, sozinho com meus pensamentos, avistei bem no cantinho minha velha bengala.

Antes do início do meu clausuro, era com ela ainda que lutava pra ficar em pé.

Foi minhas últimas forças que compartilhei .

A velha bengala me acompanhou por um bom tempo, agora estamos encostados.

Eu aqui, ela lá. De vez em quando peço para segurá-la, tento firmar minha mão e me erguer, mas, nada.

Sabe, percebo que ela torce por mim, pois dela emana um sinal que parece dizer: " Vamos você consegue, vamos caminhar juntos! "

E fico aqui agora com minha trilha sonora, junto a minha velha bengala, ouvindo a velha canção do Barrerito.

Meus passos onde estão os meus passos? Que esqueceram meu corpo Que é levado nos braços Meu Deus um pedido eu queria fazer Se um dia o senhor me atender Devolva meus passos.

TROCAR

Eles Fizeram Você Trocar Seus Heróis por fantasmas; Seus Sonhos por Pesadelos Sua Liberdade por Migalhas de Pão.

Como Gostaria Que o Sol que nos Deixou voltasse a brilhar como em Tempos recentes, mas como voltar se deixamos de enxergar o horizonte?

Perdemos a capacidade de ver com o Olhar do Sonhar

A VENDA DO SR ZÉ FERREIRA

Era ali, logo depois da igreja, perto de um top de morro na comunidade de São Francisco em Visconde do Rio Branco, a Venda do Sr Zé Ferreira.

Tinha de tudo para um venda de roça, secos e molhados variados, desde o salame no balcão, a linguiça mista pendurada, o refrigerante, o fumo de rolo de corda e desfiado até claro a cachaça.

O Sr Zé Ferreira, pequeno de estatura com a pele surrada pela lida de roça, bigode aparado, ficava na beira do seu balcão sempre pacientemente atendendo a sua freguesia.

Ouvia ali muitos "causos" e contava os seus. Quase todas as noites na igreja existia as rezas e logo após, a turma tinha que passar na sua venda, também a escola próxima, tinha a criançada que chegava durante o dia pra comprar balas e pipoca

O Sr Zé Ferreira gostava de abastecer seu comércio realizando compras no nosso armazém Ferraz.

Gostava de ser atendido pelo Marquinho, mas também eu fazia questão de atendê-lo.

A prosa com ele era boa. Chegava com sua charrete puxado por um belo burro, estacionava na cocheira da rua de trás e seguia para o armazém com chapéu na cabeça e sacos panos para carregar as compras.

Assim que terminava as compras e que eram embaladas na sacaria de pano, ele logo solicitava: "Entrega na cocheira, pode deixar na charrete que tem um burro queimado".

Na brincadeira sempre um perguntava se caso chegasse lá só encontrasse cinzas.

A risada era geral, mas isso que fazia o prazer da convivência e da amizade.

Respiro

Andar pelo mato, sentir o cheiro do mato, respiro profundo.

A Alma se enche de força!

Bom dia ao sol, Bom dia terra, Bom dia vida!

O VELHO E A SANFONA

Enquanto o som daquela sanfona preenchia o silêncio da varanda, o velho brilhava seus olhos e a primeira lágrima já escorria no rosto marcado pela lida. A sonoridade das músicas antigas que saíam da decisão do sanfoneiro em acertar com perfeição os acordes de tão belo instrumento provocava uma inevitável viagem no tempo.

Mesmo se valendo de uma bengala, naquele instante já se sentia aquela criança que foi em um longínquo tempo e com um suspiro apenas pode sentir a brisa que lhe batia nos galopes em um cavalo de pau pelas trilhas deixando muita poeira para trás.

A música penetrante nos ouvidos levava a uma eternidade de pensamentos sobre a longa estrada até o momento percorrida.

Amores, amigos, flores e dores tudo se foi deixando de ser visto com olhos e agora apenas sentido com o coração;

E quando as melodias cessaram o velho então foi se recobrando daquele êxtase, ajeitou seu chapéu e como quem apeia em uma estação de trem , olhou para tudo e para todos sem dizer nenhuma palavra, apenas sorriu.

Grilo Verde

Hoje de manhã na porta de casa dei de frente com um grilo verde. Segundo a crença popular é sinal de sorte, visita ou surpresa boa. De fato o meu dia tem sido de coisas boas e bem positivo. Pode ser que não tem nada haver uma coisa com a outra, mas o grilo verde me tocou psicologicamente fazendo com que energias positivas me rodeassem. Creio no poder da natureza de gerar energias que podem contribuir de alguma forma em nossa vida. Que vocês possam esbarrar com grilos verdes e que te tragam vibrações positivas também. Ah! Se vou jogar no bicho? Bem, quem sabe, pode ser o meu dia!

CHICO ENCONTRO E PARTIDA

Macacooo!

Ecoou o grito no meio da mata. Das árvores os bandos se espalharam em fuga. Da espingarda do caçador uma bala dispara e derruba de cima de um galho uma mamãe macaca. Foi fatal, seu corpo estirado no chão e junto a ele o seu filhotinho que ainda amamentava no peito daquele ser já sem vida. Aquele homem sem piedade colocou sua caça no ombro e seguiu. O pequeno macaquinho foi junto, grudado em sua mãe. No Marajó no fim da tarde, quem teria que pegar o barco para o continente já se aglomerava. No esbarra daqui ,esbarra dali, Rômulo se depara com o caçador e aquela cena do filhotinho de macaco junto ao cadáver de sua mãe, lhe toca. Não pensou duas vezes. Pediu para que ficasse com o pequeno órfão. De coração ruim, o caçador só aceitou a entrega mediante a paga de R\$50,00. Rômulo pagou e pra casa levou aquele serzinho que passou a chamar Chico. Chico cresceu e virou da família, encontrou um lar depois da dura partida de sua mãe.

Andava de moto, comia na mesa junto com todos, dividia a cama com seu protetor.

Mas a vida é cheia de encontros e desencontros e um dia Rômulo precisou se mudar.

Em busca de trabalho já não podia ficar e também seu amigo não podia levar.

Chico foi levado para um outro lar, até que um dia pudesse reencontrar seu amigo Rômulo.

Rômulo não podia levar seu Chico na mala, mas carrega ele no seu coração, na sua memória e também em uma tatuagem que mandou fazer daquele que um dia encontrou e ficou marcado pra sempre na sua vida.

Materna

Uma mãe sempre está atenta a todos os detalhes que envolvem sua criação. O Grande Espirito da Terra age assim, como mãe, pois sua essência é materna. Tudo na natureza é maternidade, existe o zelo de cada planta, cada flor, cada animal. A mãe se encanta com seus filhos e filhas, desde um pequeno inseto até uma grande montanha que serve de morada aos raios do sol.

CONEXÃO DIVINA

Por vários meios podemos nos conectar com Deus, certamente não o vemos, mais podemos senti-lo.

O silêncio, a oração, a natureza, o sorriso, a lágrima, tudo isso serve de porta de acesso ao Divino.

Existem também as pessoas que nos abrem as portas e nos põem diante de Deus, aliás, mais do que isso, nos levam no caminho da Fé.

Na minha cidade, Visconde do Rio Branco, tive a graça de conviver com uma mulher que considero Santa.

Dona Téia, uma pequena mulher de uma grandeza espiritual incomparável.

Sua vida se alinhava com as lutas das comunidades eclesiais de base, com a formação cristã baseada na busca de que todos pudessem ter vida, a vida com dignidade.

Jamais podemos esquecer estes seres de luz que habitam entre nós.

Salve nossa Dona Téia, quem a conhece sabe da energia que ela sempre transmitia entre nós.

IRMÃ MARISA COSTA, UMA LUZ DE DEUS

Uma fonte de luz, é assim que defino Irmã Marisa em minha vida.

Aquela pequena mulher, de olhar simples e que tinha seus passos firmes junto a nós em todas andanças nas comunidades.

Lá na Pastoral da Juventude, nas Comunidades Eclesiais de Base, na formação de Associações de Moradores, Pastoral Operária... estava ela, a servir, a orientar.

O Deus de Irmã Marisa sempre estava entre nós. Não, definitivamente não estava nos altares.

Interessante que antes de conhecê-la, era pra cima, olhando no céu que enxergava a presença divina, mas aos poucos e com a sua sabedoria passei a ver de fato o rosto do criador no pobre, no injustiçado, naquela mulher trabalhadora, naquele homem trabalhador, na simplicidade das comunidades. Nossas mudanças nunca acontecem por si, é preciso que tenhamos pessoas ou anjos como queiram, ao nosso lado, a nossa frente e até como sombra levando as certezas dos caminhos.

Quem na vida sempre foi luz, na eternidade sempre será luz.

Em tempos de desconstrução humana, a ausência de mulheres como Irmã Marisa é sem dúvida uma perda, mas o seu legado, cabe a nós que ainda estamos por aqui levar a outros tantos que não tiveram o sabor da sua convivência.

Que sua luz esteja sempre presente entre nós.

Irmã Marisa, Presente, Irmã Marisa Presente!

Na natureza, o ciclo da vida sempre se refaz

.O que um dia era semente, em pouco tempo se transforma em flor, que se transforma em fruto, que tem as sementes...

De forma paciente a natureza vai se transformando. O fruto desejado vai surgindo quando tudo age em harmonia.

O Sol, a chuva, o vento, a terra com seus vivos seres trabalham juntos no mesmo caminho.

A beleza da natureza é a mania de Deus de nos presentear sempre.

Bairro São Jorge

Um bairro não pode ser apenas um aglomerado de casas, deveria ainda ser um espaço vivo de convivência harmoniosa.

Assim pelo menos aprendi no bairro que cresci, pois lá tínhamos a turma de amigos que sempre se encontrava nos finais de tarde.

Aquela turma de meninos e meninas ocupavam as ruas com incansáveis brincadeiras.

Tinha o futebol na rua, que se transformava em campo com as áreas de gol demarcadas com chinelos e os times eram divididos com time com camisa e time sem camisa.

Era muita ralação, verdade mesmo, muita ralação de joelho e de braço. A cada final de jogo com os tombos ficávamos bem esfolados, santo mertiolate da ardência.

Tinha também brincadeiras mais tranquilas como brincadeiras de esconde , esconde, pega pega, mamãe da rua, amarelinha...

Mas o que nos encantava eram os quintais com muitas árvores, tinha o quintal da Dona Dudu cheio de pés de mangas, da Tia Aparecida onde cuidávamos de uma horta, lá tinha jambrosa , bananeiras, pêsego e outros lugares encontrávamos carambolas, abacate , jamelão e até jabuticaba.

Nos quintais disputávamos as frutas com os pássaros, eram sabiás , sanhaços, pardais, canários.... Borboletas com festa de cores faziam tanto barulho que diziam que elas estavam namorando.

Um córrego que ainda não estava poluído tinha muitos peixes coloridos, eram os barrigudinhos.

O bairro que vivi tinha o nome de São Jorge e sempre havia homenagens no dia deste santo guerreiro.

O bairro era movimentado com o centro espirita, as igrejas metodista e assembleia de Deus e também com os terços e novenas da comunidade católica.

Tinha as brigas saudáveis entre a Marli Felix flamenguista e o Tuzinho vascaíno.

No campinho onde hoje é a Rodoviária sempre tinha um circo ou parque ,lá também uma mina de água servia para que muitos lavassem roupas e abastecem as casas com água.

Na casa do Sr Zico tinha chiqueiros de porco e todos dias matava se alguns para serem vendidos no açougue.

A venda do Sr Fiote Pires era sempre movimentada. Tinha a venda do Sô Lú onde comprava pão todos os dias de manhã,e ele sempre nos chamava de Cumpadi Preto.

O Antonio Pipoqueiro com sua carrocinha de Pipoca. Tinha o Sr Quinca que a cada benção que meu irmão pedia a ele, o mesmo recompensava com uma moeda.

O bar do Sr Ismar entre cachaças, cervejas e tira gostos a roda de violão se formava. Amigos tenho até hoje daquele tempo. Era uma vida intensa diferente da vida tensa de agora. Muito bom e cheio de histórias os tempos que ali vivi.

AS AVENTURAS DA CLARINHA

Como sempre de manhã acordava e me ajeitava para o trabalho, chamava minha esposa e meu filho Juan para levá-lo para escola, enquanto minha menina Ana Clara de 02 aninhos dormia, um anjo. Deixava o Juan na escola e seguia para o trabalho. Após duas horas de peleja no serviço recebi uma ligação telefônica de casa.

Era minha esposa em prantos dizendo que minha menina, aquele anjinho que adormecia aprontou uma travessura.

Após acordar foi para o quarto do irmão e trancou a porta para desespero da sua mãe.

No telefone ela pedia socorro pois não conseguia tirar a arteira de dentro do quarto trancado ,logo pedi que acalmasse.

Com os gritos de mãe em desespero, os vizinhos foram chegando ,minha sogra veio e também o meu sogro.

Enquanto a confusão se formava ,lá dentro do quarto minha linda filhinha brincava e cantava, nem aí.

Três horas depois de muitas tentativas, do meu trabalho sugeri que chamassem um chaveiro ,já estavam chamando os bombeiros.

E o chaveiro veio com cinco minutos e rapidamente abriu a porta encontrando lá dentro a sapequinha dando risadas da sua aventura.

Ufa que alívio! Não precisou levar minha esposa para UTI.

Moral da história, ter um anjinho em casa é preciso ter o telefone do bombeiro, do chaveiro, do SAMU ,da marinha ,da aeronáutica....

VIVA O CHAVEIRO
MENINA É IGUAL CRIANÇA

Olhares

Os olhos de Deus estão por toda parte Não que esteja nos vigiando O seu olhar é materno O olhar de quem tem esperança A esperança de que sua criação Quem sabe um dia seja melhor.

Cortejo Fúnebre

Era tradição que todo falecido fosse levado através de um cortejo fúnebre ao cemitério.

Amigos e parentes após o velório pegavam nas alças do caixão e seguiam em caminhada pelas ruas.

Os cortejos passavam e os comerciantes abaixavam as portas em reverência a pessoa que partiu desta vida.

Era assim sempre lá na venda do Jesus toda vez que se avistava de longe uma procissão as portas de madeira eram encostadas.

Só que era um trabalho danado, pois muita mercadoria ficava nas entradas e era preciso retirar saco de arroz, de feijão, rolo de fumo, rolo de lona, arame enfim destrancar para trancar as portas.

Esta missão ficava a cargo do Francisco , o caixeiro da venda.

De longe quando apontava a coroa de flor já ia ele na sua esperteza de sujeito magro pra peleja de prestar a solidariedade ao finado.

Certa vez em um final de tarde , Francisco avistou a aproximação de mais um cortejo que estava a passos largos, ele então correu muito pra fazer seu serviço . Portas fechadas ficou do lado de fora com uma vassoura na mão aguardando a passagem daquele ato de despedida.

Acontece que o puxador da procissão resolveu cortar caminho numa esquina antes da Venda, nunca tinha acontecido isso.

Francisco com uma caneta atrás da orelha e vassoura na mão ficou indignado com a driblada que tomou , tanto trabalho pra nada? Imediatamente foi tirar satisfação com a turma que levava o defunto, mas não teve jeito , seguiram pelo atalho mesmo.

E a fama depois daquele dia pegou no nosso Francisco, sujeito esperto e que se dizia bom de bola mas agora conhecido como o homem que foi driblado por um defunto.

O VELHO NICANOR

O Sr Nicanor era um homem alto e forte que possuía uma voz firme, sempre se vestia com um paletó meio amarrotado ,chapelão estilo coronel, calças de tecido tergal e botinas surradas ,tudo cheirando naftalina. Na entrada da sua casa tinha uma varanda com uma velha cadeira no qual ficava horas e horas a cumprimentar as pessoas que passavam na rua e ali também recebia os amigos para longos causos. Viúvo a décadas e com a família toda criada, cada um com rumo diferente, morava sozinho e sempre com um tom de brincadeira clamava que na sua vida já não lhe faltava mais nada, apenas uma morena para viver com ele em seu lar.

E por falar em lar, dentro de sua casa era uma tranqueira só. Muita roupa espalhada pelo sofá e dentro de um armário que já não fechava as portas, máquina de costura da falecida, pratos e panelas pendurados nas paredes ao lado de teias de aranha, havia também o fogão de lenha com as tremes todas enferrujadas.

O rádio antigo ficava próximo da porta da varanda com volume alto que dava para se ouvir lá na esquina, sempre atento aos programas da emissora, as notícias de falecimento e no horário.

Falando em horário, de manhã fazia ele mesmo o café e quando dava a hora do almoço, verificava no seu relógio de bolso a hora certa , montava em sua bicicleta monark vermelha e partia para a pensão da Mariazinha no centro da cidade, perto da igreja, lá almoçava todos os dias.

Quem conhecia o Nicanor brincava muito com ele sobre a bagunça na sua casa:

- O Sr Nicanor tem que fazer uma faxina na sua casa, deve ter muita pulga lá! E o velho Nicanor respondia: - Que nada meu filho, tem pulga não, os percevejos comeram tudo. E dando suas gargalhadas a toda brincadeira feita e todo caso contado, vivia sua vida , como mesmo dizia , do jeito que Deus vai mandando.

TAQUINHA

Nas minhas andanças encontrei em um sítio na região do Caparaó uma bela maritaca.

Até então imaginei um pássaro domesticado que não sai de próximo a sua gaiola, condição que é dada a muitos desde filhotes.

Muitas maritacas se familiarizam com os humanos de forma cativa e não sabem viver de outra forma ou não se dá condições para que elas tenham suas vidas de forma selvagem.

Taquinha a maritaca que conheci é diferente, pois ao contrário do destino de outras, essa optou em adotar uma família.

Entra e sai da casa do sítio, fica na arvores, faz seus cafunés em seus amigos humanos e nos estranhos dá suas bicadas, cassa confusão com as galinhas e não rejeita nenhum trato.

Ela tinha os pés na casa e as asas junto ao seu bando quando passa fazendo algazarra, pois não vacila quando tem que fazer seus voos, parte rápido e com seu povo faz as suas revoadas e volta.

No final da tarde depois de muita atividade dava uma passada pelo quintal e na cozinha, comia algo oferecido de lanche, se despedia e sai voando rumo a uma espécie de ninhal em meio a um bambuzal onde diversos pássaros posam para dormir.

Uma convivência entre humanos e animais que mostra uma harmonia que devemos ter com a natureza, sem domínio, sem posse.

DEUS

Nossa visão de Deus sempre foi complexa, pois a maior parte tem uma influencia que seguimos e pouco temos de experiência Dele em nossas vidas. Deus não é um bom negócio, ou seja faça uma oração fervorosa e terei riqueza; Sua revelação não pode ser entendida por coisas que vamos possuir , pois se fosse assim ser pobre é ter desprestígio celeste? A pobreza ou a riqueza existe por um sistema injusto, Deus é energia de amor, e quando enxergamos desta forma adquirimos a sabedoria de sermos seus agentes na construção de um mundo casa de todos.

O PEQUENO GIGANTE

E ele chegou pequeno que cabia numa caixinha de sapato, sua mãe não pode segui-lo, foi para junto de Deus, mas foi acolhido por todos na nova família, não sabia de nada que acontecia mas sentia a proteção do novo lar.

E todos os dias era amado e foi crescendo, deu seus primeiros passos e logo se fez festa, aprendeu a falar papai, aprendeu a falar mamãe e logo conquistou o coração de todos.

A vida se enche com os filhos, tem as alegrias e as dores, mas a missão que recebemos de acolher um filho é aqueles desafios que recebemos de Deus, é como Ele nos dissesse:

- Toma cuidado dele para mim! E o cuidar não é para qualquer um, tem que ter muito amor, muito comprometimento e sobretudo entrega da sua vida para que o outro tenha vida.

Hoje aquele pequeno se tornou um gigante, mas para os pais continuará sempre o pequeno da caixinha de sapato.

Os pais de verdade , os pais de coração devem ser eternamente reverenciados com nosso respeito e carinho.

E pode passar 20,30, 40 anos, mas se tiver a graça de tê-los , sempre ouça o que eles tem a dizer, pois as coisas boas só vêm de quem realmente nos ama.

O Tamanduá

Mirim Vivia ali na mata em meio a tantos outros animais que compartilhavam uma exuberante flora com muitas árvores , plantas e insetos que lhe serviam de alimento.

A devastação de seu lar começou com homens e maquinas abrindo áreas em nome de uma ganância sem fim.

O Tamanduá mirim assim como os seus familiares e amigos já não contavam mais com as ditas autoridades que procuravam lhes defender, aliás a insanidade governamental tomou conta e a vida se tornou uma mera futilidade.

Um incêndio surgiu sem que providências humanas fossem feitas, apenas os animais lutavam contra ele e até o tal do beija flor e outros pássaros com gotas de água em seus bicos combatiam a barbárie incendiária.

Em meio ao caos o nosso tamanduá vê pela última vez sua família morrendo queimada. Foi sua última visão , pois ferido com tanta luta e desespero ficou cego.

Já sem forças físicas mas com energia de um ser vivo que defende seu lar, em meio aos escombros pressentiu a chegada humana.

Ergue se diante dele num gesto de defesa e também de indagação. Parecia que queria nos dizer: São vocês que se dizem a imagem e semelhança do Deus Criador? Tombou ali mesmo junto a tantos outros animais e plantas destruídas.

Triste, triste mesmo verificar a nossa culpa, a nossa irresponsabilidade com os ecos da vida.

A Rainha das Nove Horas

E ela surge bela e com um perfume suave que traz para dentro da gente uma sensação de paz, uma calma eterna mesmo que sua vida de flor seja curta.

A Rainha das Nove Horas é como conheço a bela planta que abre uma flor branca ,exalando um cheiro maravilhoso precisamente as nove horas da noite e depois aos poucos vai murchando e quando o dia amanhece o seu encanto já desaparece.

Ela pra mim tem um significado maior, pois lembro me da minha avó materna que era carinhosamente chamada de Madrinha por todos os netos.

Em sua casa lá na comunidade rural São Francisco em Visconde do Rio Branco tinha uma enorme planta desta e que perfumava a varanda que ficávamos conversando a noite.

Naquele tempo não tinha televisão, apenas um rádio que ficava na cozinha que podia se ouvir por todos os cômodos, mas pouco prestávamos atenção nele.

Nossas atenções ficavam para a Madrinha, a nossa vó que encantava os filhos e os netos com suas histórias.

Tinha uma de um jacaré que ela sempre contava e cantava: Jacaré, jacaré já acabou de secar...

Uma flor que traz beleza e muito perfume ,mas também lembranças de momentos felizes.

Êita tempo bom!

DESTINO

Não é destino alguém que morre sem assistência médica; quando alguém vira bandido; quando alguém deixa de ir para faculdade; Não é destino viver na miséria; viver de aluguel; ficar desempregado.

Este destino que se torna uma justificativa é na verdade a tentativa de esconder a realidade que nos impõe.

Somos um povo desigual, ainda tem gente, pouca gente que domina a maior parte da riqueza que deveria ser de todos. Uma riqueza deixada por Deus para que tenhamos vida em abundância.

Animador de Velório

O Sol da tarde já ensaiava sua despedida e o galo e as galinhas rumavam para o poleiro, a boiada seguiu para o curral e a turma da lavoura já limpava as enxadas, quando um grito forte de menino correndo pela estrada rompeu com aquela rotina:

- Morreu, morreu, Vô Zizo, morreu!

Era Luizinho o neto mais novo do Sr Zizo, homem simples de idade avançada. Uns diziam que já beirava os cem anos, outros falavam que tinha passado e muito do centenário.

Estas dúvidas eram normais, pois antigamente registro de filho só quando juntava um monte pra levar na cidade e aí passava um tempão.

Mas, ele se foi e logo todos da comunidade já sabiam e se preparavam para uma longa noite de velório.

Os congregados marianos , grupo religioso que o defunto quando vivo participava se mobilizaram para as dezenas do terço em uma celebração assim que o caixão chegasse.

Falando em caixão, as medidas foram tomadas pelo serralheiro Fiinho, amigo da família , que rapidamente cortou as tábuas e com panos roxos montou o leito eterno que receberia o cadáver. Tudo pronto e já com estrelas no céu, o velório começou com todos netos, bisnetos, filhos, parentada toda, amigos e curiosos, claro que também políticos da região.

Na sala junto ao corpo, as orações com terço seguiam, mas era lá no fundo da casa que a noite se animava.

Muita pinga e uma lata de carne de porco por cima de uma mesa levava mais presença que o corpo rígido dentro da caixa de madeira, era a tradição de beber o defunto.

A noite corria e lá pela meia noite , chega o Zé da Tonha, figura folclórica pelos seus casos que sendo verdadeiros ou invenções atraia a curiosidade de todos.

O Fato é que o Zé da Tonha era mais esperado do que o corpo do falecido.

Era assim em todo velório, quando chegava fazia suas orações diante do corpo e seguia para os fundos da casa.

A madrugada virava com casos e mais casos e já não se via ninguém velando o corpo na sala, estava todo mundo em volta do Zé da Tonha, o animador de velório, e a pinga se acabava junto com a canária.

Na manhã daquela noite que se passou, todos de olhos vermelhos e regozijados com as prosas se juntaram na sala para última despedida.

Orações, aplausos e todos se dispuseram a carregar a coroa e segurar as alças do caixão , mas além da satisfação do dever cumprido, ficou o gostinho e a ansiedade de participar de outro noitada fúnebre.

Afinal, velório também é um acontecimento e merece muita animação.

Agua no Leite

E a charrete vai passando na rua puxada por um cavalo pampa, em cima dela vários galões com leite e o Zico Leiteiro gritando pra vizinhança :

- Ao Leite, Ao leite, Leiteiro!!!

E logo chega na calçada , a Dona Maria, A Zefa, a Joaquina e o Sr Zé com os canecões para receberem o leite; O Zico tinha uma grande freguesia, seu caderno de fiado estava cheio e também tinha os que compravam avulso. Os negócios iam de vento em popa, também o preço era o mais barato da região e cada vez mais conquistava o mercado. A vida era de muita correria , já de madrugada ia para o curral tirar o leite das vacas e partia pra cidade atender os fregueses. O que mais espantava as pessoas é que mesmo na época de seca sua produção dava conta de atender a todos, realmente um mistério. Mas um dia este mistério foi revelado, ao fazer a entrega na casa de Dona Maria despejando o leite no canecão um sapinho nadava em meio ao leite. E a Dona Maria mais do que rápido indagou: -Uai Zico da onde veio este leite com sapinho dentro? Sem jeito, mas com resposta na ponta da língua o leiteiro respondeu:

- O leite veio da vaca, o sapinho veio lá da mina de casa. Garanto pra senhora que a água é da melhor qualidade.

Chinelo Virado

As superstições sempre tiveram um papel curioso em nossas vidas, pra quem acredita e também para os céticos. Quase ninguém se arrisca a passar debaixo de uma escada ou entrar com o pé esquerdo no trabalho, mesmo que não acredite, por via das dúvidas não abusa.

Quem inventou essas crenças é bem difícil saber, mas muitas delas têm algum tipo de ligação. A superstição do chinelo que estiver de cabeça pra baixo faz com que sua mãe morra é um exemplo do pânico que provoca nas pessoas que logo se apressam a virá lo.

Essa crença demonstra uma ligação afetiva de proteção a quem sempre te protegeu, ou seja nada de mal pode acontecer mesmo que seja uma mentira. Tudo que possa afetar uma mãe, o sinal de alerta é ligado para a maioria dos filhos.

Por mais que sejamos donos de si , sentimos a necessidade das asas da mãe e portanto não admitimos uma perda.

Fica então a recomendação de não deixar o chinelo virado, mas também repare em sua casa o que pode provocar algum acidente para sua mãe. Tapetes, móveis com quina, piso com umidade, escadas sem corrimão, todas estas coisas são perigo que pode até matar.

Proteja quem sempre fez isso por você, afinal de contas queremos as mães pra toda a eternidade.

O TEMPO QUE FALTA

O tempo que falta não sabemos, mas um dia vai chegar, isso é fato. Apesar disso, nos enrolamos com o tempo que temos. Reclamamos de não ter tempo para tantas o todo tempo. Tempo, na verdade temos, todos nós temos um dia, 24 horas.

A grande questão é como utilizamos os minutos, horas, dias que temos. Estamos aprendendo na marra a viver com a escassez de muita coisa, a comida cara, a água cara, a gasolina cara... Precisamos tratar o nosso tempo como algo caro e aproveitá-lo melhor. O preço do nosso tempo não existe dinheiro que pague.

CAVALO BONECO

Era um cavalo branco , com clinas longas e velhas patas, olhar fixo e sereno. firme nos passos. Possuía muita a paciência trotar pelas estradas e todos nós gostávamos dele.

Certa vez junto com meu primo passeávamos no lombo do cavalo Boneco , já era final de tarde e mais cedo naquele dia a chuva deixou vários trechos com muitas leiras de barro, quando quase chegávamos ao nosso destino um escorregão e um piso em falso de Boneco nos jogou ao solo. O tombo a princípio fora apenas só um susto, pois ficamos de pé rapidamente e o cavalo Boneco encostou em um barranco a nossa espera, mas quando fui limpar minha camiseta, suja de barro, percebi que meu braço esquerdo havia se deslocado na altura do cotovelo, o braço estava desprendido do antebraço. O socorro veio rápido, me levaram para o hospital, mas a dor começava a aumentar e até que me atendessem foi só desespero. Daquela época até hoje, nunca mais montei em um cavalo.

CAVALO DE PAU, DIÁRIO DE CAMPANHA

Final de tarde, seguimos caminho rumo a um pequeno distrito bem distante, onde faríamos um comício. A estrada era bem precária ,com pontes de madeira e muito mato. Neste cenário já pensava o que haveria de falar para a comunidade tão distante de tudo.

Chegando próximo ao vilarejo, do alto de um morro já dava para avistar a pequena igreja, o campo de futebol, várias casinhas e uma venda com pessoas na porta e cavalos amarrados em estacas. Na primeira rua que chegamos fomos recebidos por meninos montados em cabos de vassoura em disparadas correrias levantando poeira.

Eram seus cavalos de pau e todos ali se postavam como cavaleiros e um deles logo nos abordou fazendo perguntas sobre nossa presença, percebi naquele momento que havíamos entrado no reino daqueles meninos e o que nos encontrou era o rei corajoso que veio em defesa do seu povo verificar as nossas intenções.

Um lugar mágico e de encantamentos.

A Escolha de Mãe

Toda mãe tem na sua natureza o carinho, o amor, a proteção no olhar diante de sua cria.

Elas sempre querem o melhor para seus filhos, a roupa limpa, a comida melhor , a casa limpinha e quando se transformam em ira é com o instinto da proteção.

As escolhas de mãe sempre são acertadas, pois tem amor e é isso que precisamos cada um de nós, sermos um pouquinho de mãe nas nossas vidas.

O Brasil está sofrido e precisa do nosso colo, precisa de atitude de mãe.

Que as Mães do morro, das ruas, das que estão debaixo das pontes e mesmo as que no conforto de um lar estão sempre abraçando seus filhos, abrace o nosso país.

Não deixe mãe que o mal nos destrua, que roube nossos sonhos e nos jogue ao relento. Minha mãe , nossa mãe, segura a nossa mão e mata nossa fome nas letras do seu nome. salve a Nossa Senhora Mãe de todos nós.

Assombração

A reza já havia se encerrado na capela e na venda a beira do balcão a moçada terminava a última prosa com os mais velhos do arraial.

O balconista enchia o meu copo com o litro de cachaça que se esgotava daquela noite. Deixei a Venda com o dono fechando as portas, já não tinha mais ninguém na rua. Montei no meu cavalo e segui a estrada rumo a minha casa e no caminho fui deixando as últimas luminárias dos postes para trás, somente a poeira e o trote do meu cavalo me seguiam. O vento frio que entrava por dentro de minha roupa fazia com que apertasse o passo pensando na coberta quente que me aguardava.

O silêncio da estrada se contrastava com as matas e canaviais se movimentando com a ventania.

Uma pomba trugal rompe de um tronco caído e seu voo rasante provoca uma aceleração nas batidas do meu coração. As palhas do canavial não cessavam seu barulho de movimentação. Aquela estrada, aquela noite, tudo parecia ter olhos e respiração.

Cada passo era arrepiante.

Em uma curva passa de galope um pequeno animal que não consegui identificar, mas certamente ele estava assustado como eu, a demora de chegar já me incomodava.

Os pensamentos me incomodavam.

Eis que em uma reta lá de longe uma árvore seca iluminada pela Lua fez com que meu cavalo parasse, ele se assustou, algo de estranho tinha a nossa frente.

Insisti para que continuasse e devagar fomos aproximando, aproximando e notei que algumas folhas de embaúba que balançavam é que incomodaram o meu animal, ufa.

Passamos da árvore seca e uma coruja arregalou os olhos para nosso lado e lá no céu um pequeno meteoro rasgava a escuridão da noite.

Uma casinha velha na beira da estrada era minha nova aflição e ali conta os antigos que uma velha senhora tinha morrido de fome, ela sempre ficava parada ali pedindo comida.

Se o espírito dela me abordasse, não teria nada para oferecer.

Cutuquei o cavalo e passamos disparado no local e o pavor era tanto que rezava sem parar e olhando de lado acho que cheguei a vê-la.

Finalmente em casa, aliviado após horas que pra mim foram séculos e aos poucos comecei a refazer dos medos.

Ainda bem que assombração não existe, não é mesmo?

O Coração

Dizem que no coração cabe tudo Alegrias, tristezas, segredos...

Dizem também que o coração tudo suporta, pois o que faz ele bater de forma incansável é o amor a vida e a esperança de dias melhores pra sempre.

Calo no Pé

Aparício era um trabalhador da roça que vivia da lida da enxada para sobreviver, todo dia acordava cedo e com sua ferramenta ia pra lida.

Tinha dia que ficava na capina, outro esgotava brejo e também em vários tipos de plantios, não negava empreitada, era só chamar e estava pronto pra enfrentar.

Uma coisa chamava a atenção era o seu jeito de ser, ele andava descalço.

Certa vez perguntei-lhe qual a razão de não usar um calçado, pois os dias de hoje todo mundo usa, mesmo que seja o mais simples possível.

Aparício com seu jeito simples me contou a razão dos seus pés descalços:

- Lá no meu tempo de menino, eu era muito brincalhão, gostava de correr, pular e mantinha sempre um sorriso pra todos que encontrava, mas em um aniversário ganhei um par de botina, foi minha destruição.

Aquele menino corredor, já não conseguia mais correr, só andava mancando, o meu sorriso desapareceu, tudo pelo aperto que passei a sentir com aquele maldito calçado.

Para piorar a situação um calo apareceu no meu pé e nunca mais fiquei sem ele.

Meu calo incomodava e ficava aflito com aquilo durante todo o dia, já não era mais a mesma pessoa. Foi então que percebi quando no final do dia chegava em casa e arrancava a botina sentia um alívio e quando colocava a danada a sofrência voltava.

Descobri meu problema, joguei a danada fora, voltei a ser feliz.

A botina não me fazia feliz e um conselho dou pra todos:

"Não insista com o que te traz calo no pé, se preciso fique descalço e viva com alegria e muita fé!"

Caramba! Morri

Já era quase meia noite e no silêncio do meu quarto abraçado com minha esposa, depois de alguns meses dormindo no sofá (coisas de casal), um vento frio sacudiu as cortinas da janela.

Mesmo envolto na coberta senti um calafrio incomum, uma tremura repentina e o meu corpo gélido.

Parecia que minha esposa sentiu este frio também só que de mim pois automaticamente me empurrou e caiu da cama.

Impressionante que vi a cena do canto do quarto, isso mesmo, vi meu corpo no chão e não estava nele.

Gritei minha esposa que continuava a dormir, mas não me ouvia. Bateu um desespero corri em direção ao meu corpo e tentei me colocar de novo na cama e nada de conseguir.

Foi ai então que a ficha caiu, caramba! Morri. Dentro daquele quarto olhando minha esposa com um ronco lindo e babando, notava que ela nada dela percebia.

A TV estava ligada e a janela um pouco aberta resolvi então olhar para rua e ninguém.

E agora o que vai acontecer? Pensei no filme Ghost do outro lado da vida em que uma luz veio buscar o personagem principal do filme, cena romântica em que ele diz a sua namorada se despedindo , eu te amo e logo ela responde, idem.

Mas a mulher com quem casei só estava dormindo e acho que isso não ia rolar comigo.

O tempo ia passando e nada de partir dali, meu espírito parado e meu corpo no chão.

Comecei a pensar nas coisas que estou deixando, e do lado da foto da minha família estava lá a conta de luz e de agua vencida semana passada.

Tinha feito um bico pra pagar as contas e acho que irão ter que usada pra comprar o caixão.

Lembrei também dos peixes que tinha que alimentar cedo, será que irão lembrar?

Alguém tem que avisar no trabalho que vou faltar, aliás não vou mais, eu podia mandar um zap, ops! Quanta bobagem passa na cabeça de um recém morrido.

o negócio é tocar o barco ou a nuvem, sei lá, ainda não sei bem os termos que devo usar agora.

Lá pelas 03:00 da manhã surgiu uma luz e imaginei é agora, mas que nada era meu filho que foi na cozinha beber água.

Finalmente de manhã apareceu um ano que veio em minha direção com uma prancheta e perguntou:

- você é o Bruno?

Respondi:

- Não Senhor, o Bruno mora do outro lado da cidade.

Ele assustado disse:

- Rapaz foi engano! Deixa de ajudar a voltar para seu corpo e sua cama.

E cedo graças a Deus acordei vivo. Corri para sala, liguei o rádio e ouvi que anunciava o horário do enterro do Bruno.

Deus lhe dê um bom descanso pois vou correr para o trabalho.

ESPADA DE SÃO JORGE

Certa vez ouvi de um velho amigo um caso que aconteceu num país muito importante, o tempo e qual país não posso precisar, mas foi assim:

O povo deste país elegeu um homem muito chato que se achava e gostava de puxar saco de um grande império.

Virava e mexia o presidente eleito arrumava um jeito de ir lá, apesar de gostar da bajulação e de agradar dos presentes que recebia o imperador fazia careta quando tinha que receber o dito cujo. Toda viagem eram ofertados ao império jazidas de petróleo, minas de ouro, florestas inteiras e tudo o que fazia parte do povo que o elegeu.

Em uma das tantas viagens que solicitava ao império, a corte informou ao presidente que devido a compromissos outros não havia possibilidade de recebê-lo, mas ele foi assim mesmo e pra surpresa de todos bateu na casa do imperador que sem graça acabou o recebendo.

E a sugestão veio do copeiro que assistia a reunião:

- Bota uma espada de São Jorge na porta que o besta não aparece mais e se caso o encanto não for forte o suficiente, uma vassoura atrás da porta ajuda a espantar a visita indesejada mais rápido.

O resultado foi sucesso , além de continuar recebendo mais riquezas o imperador não precisou mais fazer sala ao bobalhão.

E assim nasceu uma das formas contadas sobre como espantar visita chata.

A conectividade de uma floresta

Em meio a mata fechada, debaixo da terra, as raízes das árvores se comunicam, se ajudam.

A floresta é uma sociedade de partilha comum, ali os nutrientes dão vida não apenas para um ser, mas para todos.

Deveríamos aprender a partilhar dessa forma. Seres diferentes, mas harmônicos.

O ESPELHO

Certa vez caminhando por uma praça avistei um velho sentado em um banco, cabisbaixo e com o queixo recostado em sua bengala.

Era uma tarde fria e o vento batia em seus poucos cabelos brancos fazendo com que balançassem. Parei próximo a ele, mas notei que estava distante de tudo.

Logo imaginei que aquele homem com sua idade avançada estava ali fazendo uma grande viagem em seus pensamentos, do passado para o futuro.

Seu passado certamente deveria ser recheado de muitas recordações e seu futuro com certeza a Deus pertence.

Resolvi interrompê-lo daquele transe e sentei ao seu lado e puxei conversa:

- Boa Tarde meu Senhor! Dia calmo, não? E ele olhou pra mim e apenas esboçou um sorriso. Insisti na conversa:

- Posso lhe fazer uma pergunta?

Mais um vez deu aquele sorriso e balançou a cabeça de forma positiva.

Fiz a minha pergunta então:

- Como o senhor imagina seu encontro com Deus?

Olhou para o céu e depois para mim e finalmente ouvi a sua voz, que era fraca mas firme naquilo que me disse:

- Estarei em uma sala cheia de espelhos por todo lado e ali encontrarei o reflexo do que fui durante toda minha vida. Neste lugar todos nós ficaremos por horas em busca da nossa identidade, só depois disso Deus se revelará ou não.

E antes que continuasse, ele levantou -se e foi embora se escorando na sua bengala. Fiquei ali sentado, cabisbaixo, segurando meu queixo com a mão e com uma certeza sobre aquela conversa. Sai dali entendendo que a nossa imagem e semelhança com Deus se revelará naquela sala de espelhos se ao longo da nossa vida formos de fato semelhantes Mas agora nos vemos em parte ´mas um dia nos veremos face a face.

ESPINHO NO PÉ

O Zé caminhava pela estrada a passo largo com a enxada no ombro, doído para chegar em casa.

Com chinelo surrado, a cada pisada que dava a poeira levantava e com olhar para o horizonte fitando seu destino a soleira queimava lhe o rosto. Quase no meio do seu destino eis que de forma repentina uma dor lhe fisga a barriga e naquela hora o passo apertou mais ainda e pensando com seus botões expressou que teria que chegar rápido em casa, pois a feijoada do almoço já estava dando efeito.

Um passo apertado e um galope, no caminho um amigo lhe chama :

- O Zé vem cá, tenho que te perguntar uma coisa, homem!

Zé na aflição , disparou:

- Agora dá não! Depois. E correndo mais ainda , na curva da estrada avistou um bambuzal e logo chegou a conclusão: " Vai ser ali no bambu, não chego em casa sem me aliviar."

E correu pra trás da moita, mas antes uma cachorrada veio a te atazanar. Com um pedaço de pau foi e enfurecido soltou um palavrão e deu de paulada nos bichos que viraram no tango.

Finalmente chegando próximo a uma sombra de galhos de uma goiabeira já imaginava com um suspiro que sairia do sofrimento.

Mas um espinho seco de Ora-pró-nóbis estrepou seu pé e naquele momento precisou lhe dar com duas dores.

Como tudo na vida que precisamos fazer, assim nosso Zé fez, ou seja resolver um problema de cada vez.

Enquanto se aliviava da feijoada, curtia a dor do espinho no pé.

Nesta história fica uma moral, as dores que temos, não se consegue resolvê-la todas de uma vez, priorize uma e depois a outra.

Eu, paciente

Deitado em um leito de hospital, a noite está fria, o silêncio do quarto contrastando com o barulho do corredor , ouço passos e vozes.

Na minha veia uma agulha encravada fazia o elo entre uma fina mangueira que trazia soro e medicamento, também acoplado ao nariz chegava mecanicamente o oxigênio que me faltava.

Imóvel, sem forças para se movimentar, fraldas eram colocadas para que não sujasse a cama, quem diria, justo comigo, um sujeito de muitas vergonhas tendo esta humilhação de ser limpo por parentes e estranhos.

Minha voz já debilitada não mais conseguia expressar as minhas dores, apenas meus olhos que com lágrimas revelavam o meu momento. Minha lucidez de ver tudo aquilo, de sentir todo o sofrimento era o que mais me incomodava, pois percebia também a angustia de minha família. Quando o médico chegava e verificava minhas funções vitais diante do olhar dos filhos e minha esposa ficava na ânsia de ouvir uma boa notícia,

mas como se não quisessem me explicar seguiam para um canto e baixinho conversavam, lembro do final de uma frase dita, " Só Deus mesmo".

As visitas que recebia, algumas me confortavam, outras me provocavam indignação, principalmente algumas de cunho religioso, pois alguns diziam que todos devemos sofrer para alcançar o céu, já existiam os que afirmavam que é o pagamento de algo ruim que fiz em outra geração.

Comigo tenho a certeza que Deus já mais gostaria de ver o mal de alguém e quando vencer este final de vida , faço questão de ter uma conversa com Ele, olho no olho assim:

- Sabe meu Deus, morrer tinha que ser como um bilhete de ônibus, que recebemos e verificássemos a hora do embarque, seguiríamos para o veículo que nos aguardava para nosso destino.

Entrando nele sentaria na poltrona e abrindo a janela faria o aceno da despedida.

Olha como seria muito mais fácil, sem trauma e com forte emoção de despedida.

Voltando ao meu leito, parece que injetaram algo no soro, vi o enfermeiro fazendo isso agora, já estou com uma sensação de mal estar, uma sonolência, minha vista tá começando a escurecer, começando a perder os sentidos, meus olhos fechando lentamente, meus lábios estão secos, queria continuar pensando, eh, eh...onde estou.. eu..... eu paciente.

Gerônimo, um Homem de Deus

No pequeno porão de uma casa no alto do morro morava com sua família um homem que me ensinou muito da vida com seu exemplo.

Gerônimo era daquelas pessoas que transmitiam uma energia positiva com sua forma simples de ser. Não possuía riqueza material, ao contrário sua luta era difícil com muitos filhos pra criar, mas nunca deixou de se preocupar com o próximo. Participava com ele de uma Conferência de São Vicente de Paulo, e como vicentinos tínhamos nossas reuniões semanais.

Eram muitos compromissos de visitas aos assistidos e também arrecadávamos contribuições para manter as atividades.

Nas ruas do bairro andava com ele sempre depois do seu trabalho com uma sacolinha de casa em casa pedindo esmola para São Vicente.

Ali percebi como os mais pobres, sem valia, são solidárias e que alguns endinheirados possuíam um "Q" de superioridade pois por vezes tínhamos de pessoas sem condições financeiras doação de pequenos valores mas dado de coração e doações robustas de ricos que nos faziam pouco caso, doavam por desengano de consciência.

Apreendi muito com ele e cada vez que meu tempo avança pela vida percebo os valores que vivi junto ao Gerônimo:

Humildade, Paciência e Perseverança

Que lá no Céu , um dia se eu merecer, possa encontrar com ele e dar-lhe um abraço, pois esses valores não aprendi nos livros mas no seus bons exemplos que tive a felicidade de vivenciar.

Vivo ou Morto

Jacinto havia arrumado um serviço de vigia no cemitério da cidade, mesmo tendo medo aceitou o trabalho por não ter outra opção.

Sempre me ligava para contar histórias do seu novo trabalho e do seu temor das noites frias, das corujas e também daquela turma de preto que se reunia em tribo nas madrugadas do campo santo. Problemas de roubos também eram frequentes, pois os muros muito baixos facilitavam o acesso de mal intencionados.

Mas a vida seguia e a rotina foi espantando o seu medo, claro que quando tinha os velórios a noite , tinha mais tranquilidade.

O tempo passou e precisei ficar fora da cidade por motivo de trabalho, mas sempre o Jacinto me ligava para contar os casos.

Um ano fora da cidade e retornei e um dia próximo ao cemitério parei meu carro e resolvi fazer uma visita ao Jacinto que nunca deixou de me ligar um dia se quer.

Chegando na capela velório, encontrei com o sr Ailton coveiro antigo, já a beira de se aposentar.

- Boa tarde Sr Ailton como vai a vida?

- Minha vida é essa aí mesmo, sempre lhe dando com a morte. Respondeu Sr Ailton já juntando as ferramentas.

- E o Jacinto, pega no serviço agora? Ele me ligou dizendo que hoje era dia dele. Perguntei olhando em direção aos túmulos imaginando vê-lo.

E me respondendo de forma espantosa o Sr Ailton disse:

- Uai! Tá sabendo não? já faz 04 meses que o Jacinto faleceu de infarto.

Duvidei do Sr Ailton, mostrei a ele as chamadas no meu telefone e relatei as conversas recentes que tivemos. Sr Ailton vendo então o meu espanto me levou ao túmulo onde estava escrito

" AQUI JAZ JACINTO SILVA *15/02/1956 + 26/8/2018. E sem palavras sai dali com um mistério sem explicação.

O João Benzedor

Existem os que possuem a consciência do dom de curar pela Fé e não usam dessa situação para explorar.

Conheci nos meus tempos de menino uma pessoa assim, era conhecido por "João Benzedor" . Um homem de idade avançada, já com seus cabelos brancos, mestiço e que morava em uma pequena Vila de uma rua apenas, lugar de muitas famílias pobres. Sua pequena casinha em que morava sozinho era muito frequentada, não só por pessoas pobres, mas também tinha muitos ricos que vez ou outra apareciam em busca de uma oração ou uma orientação de remédio natural que o nosso curador tinha conhecimento.

O Dom de curar através de orações e plantas é uma cultura impressionante, pois o que se sabe são informações que vai se passando de geração a geração, tenho comigo que muito disso vêm dos índios e africanos.

Mas voltando ao nosso benzedor, uma vez estava muito debilitado e nada resolvia minha situação, foi quando minha mãe resolveu me levar nele. Chegamos lá vi naquele homem uma simplicidade, uma paz e na imaginação concluía que tratava-se de um enviado de Deus aqui na Terra.

Após as explicações de minha mãe sobre o que acontecia comigo, ele iniciou uma orações, pegou uma fita mediu meu braço e minha cintura e sentenciou é espinhela caída.

O Sr João Benzedor então receitou, traz ele aqui durante três dias que vou rezá-lo, passado estes dias realmente me curei.

O interessante depois é que ele não aceitava dinheiro ou pedia nada em troca, mesmo vivendo com vivia. Por fim nesta história concluo que santos ou extra terrestres, estas pessoas iluminam nossas vidas com o dom de servir com o que possuem.

A Lamparina

Já era hora do pôr-do-sol e mais um dia se findava das nossas férias no sítio da minha avó, momento de retornarmos para casa, pois o jantar já iria ser esquentado no fogão de lenha.

Quase chegando em casa, as vacas já voltavam do pasto entrando no curral, as galinhadas todas empoleiradas em um pé de goiaba, os cachorros na porta da cozinha a espera de comida, pois a noite é longa e precisariam de um bom reforço para a missão de vigilância.

Abrindo a taramela da porta da cozinha encontro com minha vó com uma fieira de peixe em uma mão e vara de anzol na outra, ela havia acabado de pescar no córrego que passava próximo dali. Que bom, o jantar seria peixe frito, arroz, angu, feijão inteiro e de sobremesa um pedaço de rapadura. Antes de nos deliciarmos com a comida fomos direto para o banheiro tomar banho e como não havia chuveiro, a bacia com o balde de água quente já nos esperava.

Na mesa da cozinha tudo servido e a noite já surgia na janela, quando as lamparinas foram acesas com pedaços de brasas do fogão de lenha.

Todos alimentados e pratos recolhidos fomos para a varanda ouvir o rádio e sentir o cheiro de uma planta que abria uma flor exalando uma fragrância mágica, conhecida como rainha das nove horas, sua função de beleza e perfume tinha vida curta, com poucas horas murchava.

Na varanda uma lamparina acesa nos afastava do breu da noite e claro que em nossa meninice tudo se tornava brincadeira e o fogo que iluminava virou um jogo, passávamos o dedo no meio dele sem se queimar, pura alegria aquilo, mas depois percebemos em nossas mãos o resultado, ficamos todos sujos de cinza de carvão.

Depois dessa , lavar as mãos e cama, viva a casa da vovó.

Menino de Palanque

Muito pequeno, idade pouca lá estava naquela praça entre as árvores que recebia a luz do Sol entre as frestas das folhas.

Era dia de festa, a cidade aniversariava e muita gente se aglomerava de forma celebrativa. Estava ali com a melhor roupa, sorriso no rosto e olhar atento para os desfiles que aconteciam.

As ruas e o entorno da praça estavam isolados por cordas e policiais vigiavam para que ninguém avançasse, pois as escolas com seus alunos passariam em marcha.

Havia também um palanque cheio de gente chique, tinha o prefeito, o padre, o delegado , mulheres da sociedade , gente importante de fora, mas o que mais destacava pra mim era o locutor.

O locutor usando de sua voz me deixava atento a cada apresentação e referência que fazia aos presentes no palanque e eu ali no meio do povo cercado por cordas me imaginava naquele palanque.

Queria um dia estar naquele lugar alto e enxergar melhor as festividades e ser enxergado por todos. O que poderia ser para subir no palanque, um doutor, um padre ou virar um prefeito?

Na verdade queria apenas ser um menino de palanque, apenas um menino que poderia ver melhor aqueles belos desfiles em homenagem a minha querida cidade.

Viva Visconde do Rio Branco e depois de muitas festas agora consigo ver os desfiles.

Não estou nos palanques apenas cresci .

Viva o caminho sempre

Como caminhante vou seguindo,
Lá na frente vejo o horizonte,
Os passos seguem ainda firmes,
Um dia sei que podem fraquejar,
Mas o olhar para o horizonte
Jamais se apagará.

Meu Amigo

Lembro me quando fomos apresentados, você estava bem distante, tinha muita gente na minha frente e lá no alto havia algumas pessoas de branco falando sobre quem era e um pouco da sua história.

Ficava te procurando e alguém me mostrou sua imagem, mas não fiquei satisfeito, achava que deveria te ver, até porque diziam que estava no meio de nós.

O tempo passou e comecei a perceber que você era meio tímido, pois onde tinha muita gente que até te gritava, você não dava as caras.

Sei de muita coisa que falou por aí e também do que falavam de você, tipo que faz muita mágica ou milagre, tem muito poder e que vai encontrar com cada um de nós um dia, aliás quando os dias para nós terminarem.

Interessante que outros já comentavam diferente, principalmente de uma mensagem que deixou para que tenhamos um mundo de vida com fartura.

Passei a perceber que sua praia era outra, não tinha essa coisa de mágica ou milagre, mas coisa pé no chão. Umas voltas na cidade e rapidamente passei a te ver muito rápido, pois você é danado, tá em todos os lugares como de fato dizem.

Te encontrei numa turma que estava próximo a um farol pedido esmola e numa cachaça danada, nem sei como aguenta.

Ah! Te vi também em um mutirão lá na periferia virando um concreto de construção da uma casa de uma viúva.

Você pensa que não vi, mas aquela galera da roda de música na praça tinha sua voz, meio desafinada pra ser sincero.

Lá na manifestação contra as injustiças que fazem contra todos nós trabalhadores, você segurava uma bandeira e balançava muito forte, nela estava escrito liberdade, justiça e fraternidade.

Lembro daquele dia que te deram um cacete e te jogaram num camburão,

Te jogaram numa cela cheia de gente miserável e errante.

Mas tempos depois estava na sua peleja e sinceramente fiquei seu fá e me considero amigo não de você, mas do que você vê de mundo.

Sei que sua persistência e é impressionante e também a paciência, também o que tem de gente que fala que tá com você, mas não está com o que você pensa e faz , não tá no gibi.

Mas é isso aí, te admiro e espero sempre poder seguir estes caminhos loucos e teimosos que faz.

Um Abraço!

De que lado ficar?

O Mundo está se dividindo ou sempre esteve dividido.

Existe o lado da exclusão, da guerra, da fome, da miséria e dos poucos ricos, dos escravizados...

Existe também o lado dos que sonham, dos que lutam, dos que acreditam que este mundo deve ter espaço para todos, que o alimento não pode faltar na mesa, que o trabalho precisa ser valorizado, que as pessoas possam ter a oportunidade de se tornarem melhores.

A Casa

O mato cobre o telhado e o entorno, as portas e janelas de madeira fechadas não impedem que pequenos lagartos façam dali de abrigo.

As paredes brancas de cal se preservam dos anos, décadas daquela pequena casa. O terreiro coberto por uma suave grama esconde o passado de vida daquele lugar.

Ali sem dúvidas era o antônimo do silêncio que hoje reina. Mas, ainda dá para sentir os cheiros, ouvir o som e ver os movimentos dos dias cheios de intensidade.

As crianças que brincavam no terreiro junto as galinhas, cabritos, porquinhos e também do cachorro de pele esbranquiçada que latia sem parar mostrando sua autoridade de quem zelava aquele lar. Pássaros se revezavam ao chão sempre cantarolando e disputando os farelos arremessados da janela. Lá na cozinha a fumaça que saía da chaminé do fogão a lenha também exalava os cheiros das deliciosas comidas feitas pela mãe da meninada lá do terreiro.

Ao final do dia chegava o pai que se ajuntava com a mãe e filhos na porta com um violão e faziam serenata para lua que se avistava.

Esta rotina gostosa com o passar do tempo foi desaparecendo, o pai foi pra junto de Deus. A mãe e os filhos já crescidos partiram pra cidade deixando para trás o cachorro zelador que de tristeza seguiu por uma estrada e desapareceu.

Os pássaros já não desciam mais das árvores e o silêncio tomou conta daquele lugar.

A velha casa em meio ao nevoeiro das manhãs tornou se apenas um retrato de saudades de um tempo que se perdeu e que não volta mais.

WI-FI

Enquanto os poetas estão na busca da última centelha de vida,
o resto de nós estamos na busca de um sinal de wi-fi

Rosto

Com a câmera na mão saiu em busca da foto perfeita. Andou por vários lugares, percorreu ruas , olhou para céu, fitou as árvores, vislumbrou se com as cores de um pássaro.

Tudo foi registrado, mas faltava algo, uma centelha divina era seu desejo de captar.

Passando em uma praça viu sentado na escada de uma igreja uma velha senhora e logo se aproximou.

Aquela mulher tinha um rosto cheio de rugas, cada ruga parecia contar os anos que foram se passando.

Algumas das marcas tinham o traço de um vale onde certamente seguia as lágrimas que por vezes descia de seus olhos.

Os cabelos, na maior parte brancos e castigados ainda possuía alguns fios que insistiam na jovialidade lá da infância.

Não havia como deixar de notar também em sua orelha esquerda um brinco, talvez tivesse sido o único que ganhou em sua vida, era muito pequeno,

como aqueles que toda menina que nasce recebe de seus pais.

Os lábios dela mostravam a força que certamente tinha ao falar, gritar, rezar e até mesmo de beijar o amor que um dia teve e viveu intensamente.

Os seus olhos eram surpreendentes, pois pareciam viajar em uma longa distância, como se tentasse afastar de alguma dor ou mesmo em busca da esperança perdida.

O fotografo então pediu-lhe a permissão de registrar sua imagem e ela bem devagar balançou a cabeça de forma positiva.

A foto foi feita e se afastou sem falar nada, pois sem dúvidas o semblante dela dizia muito mais que mil palavras.

Já virando as costas e continuando seu caminho resolveu olhar para trás e conseguiu ainda enxergar que dos olhos daquela mulher algumas lágrimas desciam e os lábios se mexeram com um pequeno sorriso.

Ela levantou-se e virou uma esquina. Nosso fotógrafo foi atrás decidido em saber quem era aquele lindo ser de um espírito intrigante.

Simplesmente desapareceu , não conseguiu encontrá-la , ninguém mais a viu.

A procura de sua centelha divina o artista das fotografias encontrou naquela rosto uma vida inteira e um universo em que certamente ela seguiu.

PORTEIRA

A porteira envelheceu, o mato tomou conta do seu trilho, a corrente com cadeado enferrujado já não mais possui as chaves que lhe abrem.

Mas o sol continua a brilhar lá do outro lado com um horizonte montanhoso e a brisa que vem de lá, ainda alimenta as nossas esperanças. Muitos ainda não possuem o acesso ao outro lado dessa porteira que foi colocada ali desde o principio da invasão destas terras chamada Brasil.

Aqui não tinha cerca , não tinha impedimento, tinha partilha, tinha generosidade e só por isso é que os nativos foram quase exterminados pois o coração acolhedor foi dilacerado pelas mãos do opressor.

O acesso as oportunidades sempre estiveram trancados, mas de tempos em tempos os mais sonhadores pulam a porteira, resistem, lutam tentam chegar perto do sol, perto do horizonte.

Mulheres e homens mesmo jovens ou idosos ousam romper com o cerco, mas mesmo com as balas, os açoites e cárceres seguem adiante para mostrar aos que ainda se deixam paralisar pela porteira que é possível alcançar aquilo que faz os olhos brilharem.

Ousar sempre, não intimidar com o que nos é imposto, pois conquistar um mundo casa de todos é uma batalha que não envelhece.

Apenas fica carcomido e destroçado a tentativa insistente dos fedidos poderosos que ousam trancar os caminhos da esperança.

Os Canários lá de casa

No telhado lá de casa tem um ninho de canários e todos os dias de manhã coloco em uma pequena vasilha um pouco de canjiquinha para eles se alimentarem.

Enquanto se saboreiam com a comida de longe fico olhando, imaginando e comparando a vida deles com a nossa.

Os pássaros não tem a vida que temos isso é fato. No mundo deles não existe ódio e tampouco vingança. O amor deles é livre e de companheirismo, constroem o ninho juntos, chocam e vigiam os ovos que gerarão seus filhos de forma unida. Não tem que preocupar com dinheiro, com status, em ter as coisas. Seus filhos são educados com muita festa a cada passo que dão, a cada voo alcançado e a cada canto afinado. Não têm reis ou quem lhes mandem, agem no bando e de forma coletiva. Não são evangélicos, católicos ou professam uma religião. O Deus deles é certamente o mesmo nosso, mas o reconhecem no Sol que aquece, na água que sacia a sede e na terra que fornece o alimento que da a vida. Respeitam e muito o seu Deus por isso preservam o ambiente que vivem. Penso que não deveriam ser chamados de animais no sentido da irracionalidade, pois animais somos nós humanos que com nossa racionalidade não sabemos conviver, destruímos o nosso meio ambiente e não entendemos o Deus que temos.

OS VICENTINOS

Louvado Seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

Com essa saudação aos poucos homens e mulheres vão chegando para a reunião de uma Conferência de Vicentinos.

São vários grupos espalhados por todas as cidades, principalmente em bairros mais pobres.

Tenho muito orgulho até hoje de ter participado como confrade vicentino de várias reuniões e atividades que tinham como missão prestar solidariedade aos mais pequeninos, que mais do que um prato de comida, necessitavam do amor, da acolhida, do carinho diante das dificuldades impostas por uma sociedade injusta.

Acompanhava meu pai e seus amigos vicentinos não só nas conversas dos encontros, mas também na busca de recursos financeiros para as obras sociais, batíamos nas portas de várias casas pedindo: "Esmola pra São Vicente de Paula!"

Muitos ajudavam e agradecíamos com o "Deus lhe Pague";

e seguíamos enfrente e os que não ajudavam agradecíamos do mesmo jeito.

As sindicâncias, ou visitas aos que precisavam de uma ajuda era de fato um momento muito forte, pois a miséria que muita das vezes encontrávamos era o choque de realidade que nos fazia fortes para a missão da solidariedade. Ser vicentino é basicamente possuir empatia, se colocar no sofrimento do outro e buscar transformar um pouco a vida de tantos que são considerados irmãos. Hoje tenho uma militância política que se fundamenta na experiência que vivi com os vicentinos . Algumas pessoas costumam me chamar de comunista, muita das vezes sem conhecer o sentido da palavra, pelo fato da minha opção ou visão preferencial pela luta dos mais pobres.

Para muitas pessoas o pobre, o morador de rua, o favelado são sujeitos vagabundos que não deram certo na vida, mas para quem teve oportunidade de ser um vicentino , todos somos irmãos e não é justo ver e deixar que uns tenham muito e outros morram na miséria. Os cristãos tinham tudo em comum e não havia necessitados entre eles. Salve o povo solidário, vida longa a Sociedade São Vicente de Paula.

Pai de Menino, Pai de Menina

Ser pai sempre achei complicado, é um desafio enorme ter que levá-los com saúde, educação e com formação de pessoas de respeito e boas para o mundo.

Meus pais criaram sete filhos, os pais dos meus pais criaram também um outro tanto muito maior e assim vou seguindo com uma tarefa menor, tendo um menino e uma menina, fácil não?

Muita gente fala que criar filho hoje é mais difícil do que antes, talvez sim, mas é bom lembrar dos problemas que haviam também lá nos tempos passados.

Doenças que existiam tinha pouco recurso contra elas, estudar era privilégio, conforto era o mínimo, acho que a diferença está na simplicidade que existia e hoje apesar de tudo que temos no mundo, a complexidade é muito maior.

Mas voltando a realidade, ser pai de menino e ser pai de menina é muito louco, pois o jeito de ser é diferente, cada um segue um ritmo que é preciso compreender muito.

As próprias brincadeiras que eles gostam mostra um pouco a personalidade, no caso da minha filha, ela gosta de cuidar, vive as voltas com suas bonecas se imaginando uma professora, uma super mãe, já meu filho viaja em um mundo de heroísmo, de ser forte, de alcançar vitórias.

Claro que as vezes o mundo e nós mesmos impomos alguns estilos aos filhos, muita coisa não vem natural como um pássaro que já sai do ninho com seu canto idêntico dos pais, algo hereditário.

Enfim, só sei que como uma planta que para ficar bonita temos que cuidar, ficar atentos, podar algumas folhas, regar sempre para poder celebrar lá na frente com orgulho os filhos maravilhosos que deixaremos para o mundo.

Deus abençoe os nossos filhos.

Papa Defunto

Dito quando criança ajudava seu pai na serraria que a família tinha no alto da serra, lá aprendeu muito, mas o que mais lhe encantava era fazer caixão.

Este encanto começou quando seu avô faleceu e foi preciso cortar as tábuas, ajeitar um pano roxo e acertar as medidas do querido defunto.

No velório ficou observando seu avô e o caixão que tinha ajudado a preparar, achou aquilo importante, pois na sua ideia era a última cama que alguém se deitava. Dito resolveu ser dono de funerária, só que diferente, pois o serviço era de pronta entrega.

De tanto receber encomendas, se tornou prático no serviço. Com ele era tudo rápido, conhecia todo mundo na cidade e quando chegava a notícia de um falecimento, já logo montava o caixão de "acordo com o gosto do freguês", como dizia para todos.

Ele era tão dedicado no que fazia que nas suas andanças pelas ruas ficava olhando as pessoas, reparando as medidas e quando era solicitado já sabia o que tinha que fazer e o que o futuro defunto merecia como último lugar de dormida.

Sua fama pegou como papa defunto e conta a lenda que era só ele olhar para alguém e era certo, podia encomendar o caixão que o caboclo estava com os dias contatos. Isso é verdade mesmo gente, histórias de vida!

O Encontro de Realino com Deus

Realino era um Pastor amigo do Padre Zenildo e ambos tinham um estilo parecido, as suas celebrações eram estrondosas.

O louvor tinha que ser um acontecimento, o barulho era intenso, os gritos de glória ecoavam por todo quarteirão da igreja do pastor e pouco adiante também na paróquia do Padre a coisa era também de arrebentar.

Quando se encontravam, Realino e Zenildo contavam suas vantagens, dizendo que Deus certamente estava muito feliz com eles.

Certa vez em pleno culto, onde Realino fazia uma pregação aos gritos, um mal súbito lhe abateu de forma fatal. Morreu o Pastor Realino e naquele final de semana o silêncio foi tanto na sua igreja como na igreja da Paróquia do seu amigo padre.

Como todo vivente que faz a transição para o outro lado do mundo celeste o pastor participou de uma audiência com Deus.

Em uma grande sala um Santo assessorava nas audiências, a cada alma que chegava o relato da sua vida era repassado.

O assessor santo precisava falar mais alto com Deus explicando a vida de cada um e o pastor Realino, sem se identificar, percebendo aquilo se antecipou ao encarregado divino e o parabenizou pelos gritos junto ao nosso Pai Eterno:

- Parabéns, você faz igualzinho lá nossa igreja!

E o assessor olhou para Realino e disse:

- Pois é, mais Ele tá danado da eternidade, ficou surdo com tanto barulho no seu ouvido, tá fazendo tratamento caro e quer cobrar de quem o fez ficar assim, Ele já de tá olho num Padre e já mandou despachar um pastor, aguarde a sua chamada.

Existem Santos na Terra

Eles estão por aí, os santos vivem mais entre nós do que do outro lado da vida. Não estão nos altares, nem tampouco nos oratórios, caminham no meio do povo, nas favelas em meio a miséria,

na fila dos desempregados, na injustiça e opressão do Estado, na dor dos que são perseguidos e torturados. Os santos não fogem de uma luta e por isso se fazem presente nos sindicatos, na política que faz o bem comum, na religião que revela o rosto materno de Deus.

Eles não se aquietam, não se acomodam, estão em constante revolução. Não existe desesperança, não desanimam das lutas, pelo contrário alimentam a nossa fé que dias melhores virão pra sempre.

Não possuem aureolas , cargos poderosos, fortuna, apenas seus pés na caminhada, seus braços que sempre nos abraçam e suas vozes que denunciam a exclusão e a avareza dos poderosos e ao mesmo tempo nos dizem que é possível este mundo seja casa de todos.

O Reino da Lata de Lixo

Há muito tempo atrás em um terreno baldio de uma pequena cidade habitava uma população de insetos das mais variadas espécies, tinha de tudo.

No centro deste terreno ficava um lata de lixo onde os insetos se aglomeravam formando um tipo de sociedade em que os mais fortes ficavam do lado de dentro e a maioria mais fraca ficava do lado de fora.

Do lado de dentro da lata, onde a fartura de alimentos era grande, os besouros dominavam com apoio dos Louva-deus , algumas cigarras e mariposas.

Do lado de fora os insetos menores que não tinham acesso a lata de lixo viviam das migalhas jogadas principalmente pelos besouros.

No meio dos insetos, que ficavam fora da fartura da lata ,tinham lagartas que começaram a perceber aquela forma injusta de ter alimentos em quantidade para poucos e quase nada para muitos. Estas lagartas adquiriram conhecimento e se transformaram em borboletas. Começaram a voar e perceberam que a turma lá de dentro esbanjava o que tinha em excesso e todos lá fora fincavam a mÍngua.

Diante desta situação começaram a organizar os isentos para entrarem no que passaram a chamar " Reino da Lata de Lixo".

O Besouros perceberam o aumento de insetos dentro da lata provocado pelas borboletas e de imediato mobilizaram os Louva-deuses, as cigarras e as mariposas para reverter aquilo.

Os louva-deuses foram ao encontro dos insetos do terreno e começaram a convencê-los de que a natureza determinava que não poderiam ir para dentro da lata, pois não haveria alimentos para todos. As cigarras começaram a espalhar pelos quatro ventos que as borboletas eram enganadoras e só voavam na realidade. As mariposas perseguiram as borboletas e junto com as aranhas aprisionavam as mais assanhadas.

Os besouros junto com sua turma começaram a controlar tudo novamente. Os insetos menores diminuíram os acessos a lata e ficaram aguardando as migalhas do lado de fora. Toda vez que caía um pouco era tumulto, mas estavam conformados. O que a elite do Reino da Lata de Lixo não imaginava é que mais lagartas se transformavam em borboletas e a luta continuava, pois tinham consigo a espera confiante de que um dia todos estariam de fato incluídos dentro daquele espaço de fartura.

Paraguaio e Tibúrcio

Fim de tarde , sexta feira e lá no armazém já começava a movimentação do povo para fazer as compras, garantir as latas cheias com o dinheiro recebido da dura lida da semana. Com facões e enxadas ainda sujos de terra de tanta campina muitos chegavam em suas bicicletas surradas ou nos caminhões que tinham suas carrocerias lotadas com aquela gente.

A roupa da turma do corte de cana cobria todo o corpo para evitar os arranhões das palhas, era a moda da hora, não se ia em casa para colocar uma vestimenta melhor pois a pressa de abastecer de comida a casa era prioridade.

O centro da cidade de Visconde Do Rio Branco se alegrava, tinha muito sorriso em meio a vida dura exposta no rosto aranhado e sujo de carvão de cada homem e mulher.

No meio daquele movimento todo a beira do balcão do armazém cada um pedia seus mantimentos:

- Dez quilos de arroz, 3 kg fubá, , macarrão, massa de tomate, 1 kg de sal, 100grs pimenta, 5 sabão coringa, 01 garrafa de querosene...

O dinheiro era pouco não tinha muito o que comprar, mas o fumo de rolo não faltava e também a linguiça mista que ficava pendurada em um varal improvisado por cima do balcão.

Entre os fregueses que atendia, tinha uma alegria de dar assistência a dois em especial, Paraguaio e Tibúrcio.

Não era nenhuma dupla caipira, nem tampouco artistas de humor, mas quando chegavam a festa estava feita. Impressionante como sabiam lidar com as dificuldades da vida, brincavam com tudo e com todos.

Uma canção inventada já era o anúncio da chegada deles na porta do armazém:

" Ah se Deus me ouvisse e mandasse pra mim 02 kg de carne e 01 kg de toucinho deixaria minha tristeza e faria feliz os meus filhos barrigudinhos.... "

O Paraguaio era cantador e tinha um violão em casa e junto com Tibúrcio vez ou outra davam uma palinha lá na comunidade onde moravam.

Tinham muitas histórias pra contar e ali atendendo ao seus pedidos viajávamos nos causos contados. Uma riqueza que não se mede é a oportunidade de conhecer pessoas com simplicidade, alegria e energia para viver em meio as dificuldades.

Peixe Congelado

Campeiro é um matuto morador de Visconde do Rio Branco, negociante de galinha e sujeito arisco que nem pardal, com sua lambreta vai e volta por todo canto fazendo seus negócios e contando seus casos, aliás por ser pescador declarado tem muitas histórias pra revelar.

Se é mentira ou verdade não sei mas suas conversas envolvem a atenção até mesmo pelo jeito de contar matreiro.

Contou para mim certa vez que numa sexta feira a noite comunicou para sua esposa que sairia para pescar umas traíras com amigos na cidade de Ubá,

para florear seus argumentos diante da companheira chegou a dizer que eram peixes enormes que habitavam o rio Ubá.

Mesmo desconfiada ela liberou e partiu o nosso personagem com uma vara de anzol na mão.

Foi para o seu destino, aliás que era outro menos a beira do rio, mas sim uma mesa de baralho e muita cachaça onde cruzou a noite na diversão.

O dia clareou e em sua lambreta decidiu voltar para a casa, mas na estrada lembrou que teria de chegar com pelo menos um peixe, se não o bicho iria pegar.

Mais do que depressa rumou para uma peixaria e lá comprou a maior traíra que o comerciante lhe mostrou.

Todo sorridente com cara de pouca vergonha chegou em casa e entrou pela cozinha dando grito para que a mulher recebesse o peixe.

- Veja aqui meu bem o peixão que pesquei, o almoço tá garantido. Saindo de frente ao tanque de lavar roupa, ela foi em direção ao marido e logo percebeu que aquele peixe estava congelado.

- Dá para fazer o favor de me explicar este peixe congelado seu safado, você não estava na beira do rio nada. Assustado com sua mancada e com medo da reação logo arrumou uma resposta.

- Ara sô, cê num percebeu que fez um frio danado a noite, esse trairão saiu do rio todo congelado.

Até hoje Campeiro conta esta história, segundo ele conseguiu convencer sua amada, mas muito dos seus amigos contam que depois daquele dia andou um tempão com o olho roxo.

Nosso matreiro alega que foi um tropeção que tomou. Vamos acreditar né!

SERENATA

E ela olhou pela fresta da janela e cá embaixo estávamos a cantar as mais belas canções sem parar. A noite estava fria e José nos chamou para lhe ajudar a presentear sua amada, uma jovem de cabelos pretos, de olhar sereno, lábios marcantes, enfim muito bela não apenas por fora, mas de um espírito angelical.

Nos tempos de juventude cantávamos no coral da igreja e a ajuda que José nos pediu era para cantarmos com ele uma serenata de baixo da casa de sua namorada Alice.

E como amizade é amizade topamos, e seguimos em direção a nossa missão guiada por ele.

No caminho o nosso jovem apaixonado arrancou do canteiro de uma praça uma pequena rosa vermelha, cheirou aquela flor e suspirou com ar de felicidade e ansiedade de iniciar a bela surpresa. Violões e vozes afinadas iniciamos a cantoria que naquele momento interrompia os sons do vento nas arvores e dos grilos em meio ao mato.

As canções se seguiam naquela noite fria e os vizinhos da Alice já abriam suas janelas , cada um com a esperança de serem os agraciados, mas logo perceberam a casa em que a serenata se direcionava. E finalmente a janela se abriu e os dois se olharam e José beijou a rosa e arremessou em direção ao seu amor que a agarrou e segurou firme junto ao seu peito.

Noites com serenata tudo é mágico, viva os nossos apaixonados.

Torresmo, Cachaça e Família

Na casa da Maria é assim, no chiqueiro durante um bom tempo engorda se um porco. Resto de lavagem, fubá, cariru do mato e o bicho só vai crescendo e engordando.

Todos os dias antes da lida na roça de café, do paiol onde pega se as ferramentas e numa espiada só, mede se e pesa se o leitão, tá quase no ponto! Chega o dia de levar o porco pra panela e a família toda se envolve com a trabalhadeira .

As partes do porco, o lombo , o pernil , a gordura, pele são cortadas e separadas.

Um fogão a lenha é improvisado no quintal e na panela grande a fritura tá em ritmo total, enquanto tiver fogo nada para.

Um tempero caprichado se mistura aos pedaços de carne que na fervura levanta o vapor e um cheiro de tentação se espalha por todo aquele cantão.

No comando somente a Maria na frente do fogão, o resto da turma fica só na expiação.

Chega então o Mard com um copo cheio de Cachaça em uma mão e na outra um litro já meado, aguardando ansioso o primeiro tira gosto. Sem esperar e aproveitando se da distração da cozinheira, com um garfo rouba um torresmo que logo pôs na boca, apavorado que foi a língua queimou, mas imediatamente disse que não faz mal pois pinga também queima a goela e deixa qualquer um como pimentão.

E a noite chega e até os vizinhos se achegam no que já virou festa. Arroz branco, feijão vermelho inteirinho no prato acompanhando uma succulenta carne de porco, êta trem bão .

É assim sempre, lá bem na divisa de Minas com Espírito Santo. É só aguardar a próxima que já tem outro porquinho no chiqueiro, com certeza felicidade melhor não há.

A Vida Dura de um Conquistador

Chiquinho era um sujeito simpático do interior, frequentador assíduo dos botecos da vida e um grande conquistador do coração das donzelas solteiras da pequena cidade Sapezinho.

Vestia-se bem e por onde passava o cheiro de almíscar ficava como rastro, podia se chegar a conclusão que onde o aroma exalava, era sinal que estava por perto.

Muito namorador ainda não tinha conquistado o coração da mais bela entre todas, Esmeralda a linda jovem , miss sapezinho.

Fazia de tudo para ter aquele encanto ao seu lado, até que ela correspondia, mas o pai dela era fera, não deixava nenhum gavião chegar muito perto.

Uma noite Chiquinho organizou um grupo de amigos com violões, bandolins, violinos e até gente com caixinha de fósforo, um a verdadeira orquestra para cantar de baixo da janela de Esmeralda e sua família com o objetivo de encantar e finalmente conquistar a sua paixão.

A Meia noite iniciaram a bela serenata e afinados se revezavam a cantar interpretando várias músicas de sucesso, mas nada das janelas se abrirem.

Já quase 01:00 da madrugada, já sem esperanças, Chiquinho começa cantar " Noite Cheia de estrelas" de Evaldo Braga.

- Lua Manda tua luz Prateada , Despertar Minha Amada, Quero Matar Meus Desejos, Sufocá-la Com Meus Beijos.... (E nada da Esmeralda) E na continuação do canto segue os versos Canto e a Mulher que eu Amo Não me Escuta...

E repentinamente uma luz se ascende interrompendo a cantoria , as janelas se abrem e de lá surge o pai de Esmeralda , sujeito barrigudo e peito cabeludo apenas de ceroula gritando:

- Tá dormindo Filho da Puta.

Êta vida dura de conquistador.